



Programa de formação permanente

Ordem dos Agostinianos Recoletos

1. Dialética pessoa-comunidade



**DIALÉTICA PESSOA-COMUNIDADE
NO PENSAMENTO CONTEMPORÂNEO E NA
SOCIEDADE ATUAL:
MEDOS, DESAFIOS E PROPOSTAS PARA A
REVITALIZAÇÃO DAS COMUNIDADES
AGOSTINIANAS RECOLETAS**

Todos os que abraçavam a fé viviam unidos e colocavam tudo em comum; vendiam suas propriedades e seus bens e repartiam o dinheiro entre todos, conforme a necessidade de cada um. Diariamente, todos frequentavam o Templo, partiam o pão pelas casas e, unidos, tomavam a refeição com alegria e simplicidade de coração. Louvavam a Deus e eram estimados por todo o povo. E, cada dia, o Senhor acrescentava ao seu número mais pessoas que seriam salvas (At 2, 44-47).

INTRODUÇÃO

Sob a inspiração da Sagrada Escritura e da tradição agostiniana, falar de comunidade para um agostiniano recoleto é algo essencial e irrenunciável. A comunidade, por sua vez, compõe-se de pessoas. Ambas as realidades – pessoa e comunidade – caminham de mãos dadas, constituindo-se uma em fundamento e sentido da outra.

Com a seguinte reflexão, pretendemos iluminar essa perspectiva dialética entre pessoa e comunidade, fundamentando a origem de ambas a partir da sociedade e do pensamento contemporâneo. Daremos também algumas pautas básicas sobre a comunidade cristã, centrando-nos nas comunidades formadas por pessoas consagradas, para aterrissar posteriormente nos medos, desafios e propostas para a revitalização das comunidades agostinianas recoletas.

1. DIALÉTICA PESSOA-COMUNIDADE NO PENSAMENTO CONTEMPORÂNEO

A reflexão contemporânea sobre a pessoa insere-se na compreensão da mesma como um projeto que se vai fazendo em sua relação com os demais. O ser humano é pessoa porque sua existência está orientada e ligada à existência dos demais, através das coordenadas do tempo e do espaço, ao estilo heideggeriano, embora seu fundamento último, de acordo com não poucos autores, se encontre em Deus. Manifesta-se e atribui-se-lhe, com isso, em sentido scheleriano, um caráter transcendente. A pessoa encerra, pois, infinitude e transcendência. Essa transcendência constitui-se numa ação fundamental em que o sujeito acolhe a revelação de seu ser e, ao mesmo tempo, experimenta a necessidade de buscar o ‘eu originário’.

No intuito de apresentar uma simples síntese, podemos dizer que, ao longo da história do pensamento, o conceito de “pessoa” foi tratado a partir de dois aspectos. O primeiro diz respeito à sua estrutura, na medida em que se constata a evolução de uma concepção “substancialista” de “pessoa” para outra, entendida como centro dinâmico de atos¹. O segundo indica a evolução do conceito de “pessoa” a partir da valorização de suas atividades, tanto volitivas como emocionais, em detrimento das racionais. Nesse sentido, orientar-se-á, entre outros, Max Scheler², para quem a pessoa não é um “ser natural”, nem um “ser cósmico”, mas um indivíduo de caráter espiritual. Valoriza-se assim um aspecto fundamental na pessoa: sua “transcendência”, a significar que a pessoa não se rege pelos limites da própria subjetividade.

Pedro Laín Entralgo e Xavier Zubiri, entre outros, entendem a “transcendência” como “abertura”, “autenticidade” e “ser si mesmo”³. Afirmam a descontinuidade entre o animal e o humano. Consideram que a ‘condição humana’ caracteriza-se por uma “abertura” que consiste no fato de o ser mais íntimo da condição humana abrir-se a outras realidades que superam a esfera biológica. Ditas realidades são a cultura, a religião e a ética, resultado da “autoconsciência” humana, reflexo de sua capacidade de perguntar-se e de encarregar-se responsabilmente da história e da realidade.

¹ Cf. P. Laín Entralgo, *Teoría y realidad del otro*, tomo II, Revista de Occidente, Madrid 1968, 268.

² Cf. M. Scheler, *El puesto del hombre en el cosmos*, Ed. Losada, Buenos Aires 1938, 58.

³ Cf. P. Laín Entralgo, *Teoría y realidad del otro*, tomo I, Revista de Occidente, Madrid 1968, 221-255.

As antropologias de inspiração personalista, por sua vez – com Emmanuel Mounier⁴ à frente –, procuram caracterizar o ser do homem de maneira diferente, recorrendo a uma visão mais completa que se circunscreve na abertura ao mistério religioso. O ser humano é visto como alguém que existe junto com os demais no mundo para realizar-se⁵.

Desde a metade do século passado, contudo, talvez tenha sido uma autora espanhola, María Zambrano, quem melhor apresentou a pessoa como ser em relação. Zambrano considera que o ser humano se transforma no transcurso do tempo, no sentido de um ‘ser’ que é ‘projeto’ e que está a caminho de ‘ser’ e de ‘fazer-se’. O ser humano é, portanto, alguém que cresce à medida que se apropria de seu entorno e toma consciência de seu ‘ser-aí’. Seguindo Leibniz, ela afirma que o ser humano é pessoa quando se sabe a si mesmo e se entende a si mesmo, o que significa que se trata de um indivíduo em condições de poder chegar a conhecer-se.

Para María Zambrano, o ser humano compreende-se como pessoa quando tenta localizar-se na história. Em outras palavras, a pessoa é o ser que se sabe e se sente responsável pela história e pela sociedade, porque, ao descobrir-se como tal, vislumbra a responsabilidade que tem frente aos demais na construção de uma sociedade com princípios humanizadores. A maneira segundo a qual María Zambrano trata o ser humano permite-nos afirmar que ele vai fazendo sua própria vida, na qual pode ser observada uma dinâmica processual de crescimento e de amadurecimento com os outros.

Nessa linha de pensamento, um aspecto fundamental que determina o ser humano como pessoa é a sua capacidade de relação com os outros. Daí que possa viver sua alteridade e possa constituir sua mesmidade a partir do outro, do diferente com respeito a si. O reconhecimento é a porta de entrada para que o ser humano se conheça a si mesmo. Nessa situação de ‘autoconhecimento’, a relação apresenta-se como necessidade que se ‘impõe’. Destarte, é uma realidade que não se pode evadir, mas que é necessário assumir, porque responde à estrutura humana. Nesse ponto, enlaça-se com a doutrina agostiniana – “Ó Deus, que és sempre o mesmo, faze que me conheça e que te conheça” (*sol.* 2, 1, 1) – da necessidade de conhecer-se a si mesmo para conhecer Deus, de ver n’Ele os demais e nos demais, Deus.

Aceitar que somos seres criados para a relação significa que nossa vida se realiza e se potencializa junto com a vida de outros, ao tempo em que supõe tomar consciência de que não só se “vive”, mas que o viver supõe uma reciprocidade

⁴ Cf. E. Mounier, *Manifiesto al servicio del personalismo*, Ed. Taurus, Madrid 1965, 71; Id., *El personalismo. Antología esencial*, Ed. Sígueme, Salamanca 2002, 601.

⁵ Cf. J. Gevaert, *El problema del hombre*, Ed. Sígueme, Salamanca 1991, 29-30.

ativa com o outro para constituir a relação interpessoal que cria o pronome pessoal “nós”. A esse respeito, Ortega y Gasset diz que a palavra “vivemos”, na desinência “-mos”, expressa uma nova realidade, que é a relação “nós: unus et alter”, eu e o outro juntos fazemos algo e, ao fazê-lo, “nos” somos. Ortega sugere então que, se a relação de abertura ao outro se chama “altruísmo”, esse ser-nos mutuamente deverá chamar-se “nostrismo ou nostridade”⁶.

A existência do ser humano como pessoa inicia-se, pois, na ‘relação’ com o mundo e com os demais. Dessa relação, brotam os juízos, as apreciações, as análises, as confrontações com respeito ao que me é externo, mas tudo isso é indício da necessidade que existe no ser humano de ‘apropriar-se’ da realidade, no sentido de torná-la sua para poder interagir com ela.

A relação que o ser humano estabelece com outros, com o mundo temporal e espacial, é o que lhe possibilita tomar consciência de si mesmo. É, na realidade, o âmbito em que o ser humano se capta como pessoa ou não, e em que se inicia a existência do mundo para ele.

A ética de María Zambrano envolve a pessoa, ainda mais, no exercício da responsabilidade diante dos demais, a partir de uma visão ‘piedosa’ que se dirige às situações concretas que definem a realidade das pessoas. O outro está presente, portanto, à existência pessoal e constitui-se num ser com os demais e para os demais, o que evidencia que a existência se desenvolve com outros no mundo, que a nossa existência está ligada à chamada do outro. O sujeito encarnado ou tornado entranhas constitui-se numa exigência ética de sacrifício e entrega pelo outro.

Este chegar até à “expição pelo Outro”, que converte o sujeito em “refém do Outro”, é o acontecimento ético por meio do qual o ser se subverte, se desborda [...] é a razão pela qual, segundo Lévinas, pode haver no mundo o pouco que nele há de piedade, compaixão, proximidade e perdão⁷.

Assim, na comunhão com os demais, adquire-se a certeza, por um lado, de que a existência do outro me afeta, pois é um ser que se revela e se dá a conhecer; e, por outro, evidencia-se o caráter fundamental ético da minha existência, no sentido de que tudo o que se deve fazer está unido ao reconhecimento do outro. Desse modo, tanto para Zambrano como para Lévinas, a exigência do outro é algo transcendental e absoluto.

O ser humano, ao ser consciente de que a vida é abertura ao outro, possibilita uma libertação que experimenta pessoalmente, mas que passa pela libertação do outro. Essa realidade configura um saber salvador que se fundamenta no conhecimento da vida, dos demais, em que cada ser humano se descobre portador

⁶ Cf. J. Ortega y Gasset, *El hombre y la gente*, Revista de Occidente, Madrid 1957, 138.

⁷ J. M. Beneyto, “La multiplicidad de los tiempos. María Zambrano en diálogo con Kosselleck, Han Blumenberg y Emmanuel Levinas”: Id. y J. A. González Fuentes (coords.), *María Zambrano. La visión más transparente*, Trotta, Madrid 2004, 503.

da vida. Não se trata de submeter nem de dominar o outro, mas de deixar que o ‘ser’ do outro seja como ele vai ‘sendo’. É possibilitar que o ser humano vá sendo pessoa a partir do conhecimento que tem de si mesmo e daqueles que compartilham sua existência e que se constituem em semelhantes e próximos.



2. DIALÉTICA PESSOA-COMUNIDADE NA SOCIEDADE ATUAL

Uma comunidade é “um grupo de pessoas associadas com o objeto de levar uma vida em comum, baseada em permanente ajuda mútua”⁸. Nos padrões de nossa sociedade, o grau de vida comum e de ajuda mútua varia amplamente conforme a comunidade. O que parece, todavia, irrenunciável é que a pessoa humana requer, por sua dignidade e para satisfazer a suas necessidades, formar parte da sociedade. Os seres humanos, por natureza, tendem a participar na vida comunitária.

Por outro lado, o bem comum da sociedade, chamado às vezes de bem geral, não é nem o bem individual nem a soma de bens individuais de cada uma das pessoas que compõe a sociedade (individualismo). Tampouco consiste no bem próprio da sociedade que atribui tudo a si mesma, independentemente de sua relação com as pessoas (coletivismo). Em ambos os casos, o ser humano acaba oprimido pelos mais fortes. O bem comum significa que a sociedade vela pelos direitos fundamentais das pessoas, direitos que ela não pode violar em hipótese alguma. Supõe também que cada pessoa, sentindo essa comum vontade de bem, esteja sempre disposta a sacrificar certos interesses individuais em prol daquilo que se chama então “interesse geral”. É bastante claro que as duas noções de “pessoa” e de “bem comum” são correlativas e não devem ser separadas jamais uma da outra.

⁸ <http://www.corazones.org/diccionario/comunidad.htm>

Ao estabelecer-se essa relação entre pessoa e comunidade, não podemos esquecer realidades tão fundamentais em nosso mundo como a família, a amizade, o associacionismo, os movimentos espontâneos que unem os indivíduos com um objetivo comum (religioso, político, desportivo), e inclusive, em sua vertente mais negativa, o fanatismo.

Feitas, porém, essas considerações que, em grande medida, são mais conhecidas, deve-se dizer que a manifestação atual mais relevante da dialética pessoa-comunidade talvez seja a das redes sociais surgidas com a Internet. Falar hoje em dia de Facebook, MySpace, Twitter, Tuenti, Google +, Instagram, Pinterest ou de LinkedIn não é referir-se a novas tecnologias, mas à tecnologia vigente e à mais utilizada na atualidade. Não obstante, para evitar confusões, é bom fazer alguns esclarecimentos no intuito de distinguir conceitos básicos⁹: fórum, blog, rede social e comunidade virtual.

O que é um fórum? A melhor imagem para um fórum é a de um bar, em que todo mundo que entra está ao mesmo nível e troca opiniões sobre um tema. É uma ferramenta de “muitos para muitos” (muitos falam, muitos respondem). Os participantes estão, como dizemos, ao mesmo nível e, geralmente, os fóruns são dedicados a um tema em particular. Como acontece nos bares, à medida que a conversação avança, o tema “original” dilui-se em dezenas de conversações paralelas. É a ferramenta que se há de escolher para provocar uma conversação não tendenciosa entre muitos usuários.

O que é um blog? Trata-se de uma ferramenta que se assemelha mais a um “discurso” ou a uma “aula magistral”, em que o palestrante, ao fim de sua intervenção, permite a seus ouvintes um turno de “perguntas e respostas”. Em todo caso, é o blogueiro quem “controla” a conversação e quem marca suas diretrizes. É uma ferramenta de “um para muitos”, ideal quando queremos transmitir uma ideia à comunidade.

O que é uma rede social? Uma rede social é como uma festa de casamento: os convidados dividem-se entre familiares do noivo, da noiva, amigos do noivo, da noiva..., e também em diversos “subgrupos”, como “amigos do trabalho do noivo”, “amigas de colégio da noiva”... Inicialmente, você só fala com seu próprio “grupo”, pois é com os integrantes desse grupo que tem algo em comum. Pouco a pouco, à medida que a “festa” avança, começa a interagir com outros grupos, por razões as mais variadas: para divertir-se, porque encontrou alguém que há muito tempo não via etc. É uma ferramenta genial para passar o tempo de forma prazerosa, ver como as pessoas interagem e que assuntos elas têm em

⁹ Cf. J. A. Gallego Vázquez, *Comunidades virtuales y redes sociales*, Ed. Wolters Kluwer, Madrid 2012.

comum, mas não é fácil tirar daí conclusões que possam ser aplicadas noutros âmbitos, como ocorre, ao contrário, com os blogs ou com os fóruns.

O que é uma comunidade virtual? Trata-se de um grupo de personas que, voluntariamente e fazendo uso de um meio virtual (chat, rede social etc.), se associam com um fim comum. A consecução de dito fim implica um grau de compromisso por parte de cada um de seus integrantes, estabelecendo-se assim uma relação particular entre eles e uma hierarquia, específicas daquela comunidade específica. Exemplo disso pode ser alguma das redes sociais antes mencionadas, Wikipedia, Tripadvisor etc. Dando os passos oportunos, uma comunidade virtual pode chegar a converter-se em negócio, como é o caso de eBay, de Amazon etc.

Como tudo, essas novas formas de comunicação têm muitas vantagens, mas também muitos inconvenientes. A globalização e o acesso universal à informação, a rapidez, a aprendizagem fácil para os nativos digitais, o custo e inclusive o fomento do trabalho cooperativo, e a solidariedade em grande escala são alguns dos pontos a seu favor. Deve-se levar também em conta a despersonalização nas relações, a vida dupla, a perda de habilidades sociais face a face, a procura de um prestígio virtual, mas irreal, a fraude etc., como alguns dos muitos inconvenientes que se poderiam citar. De todos os modos, não podemos hoje permanecer alheios a essa nova dialética entre pessoa-comunidade, já implantada em nosso mundo.

Feitas as considerações gerais sobre a dialética pessoa-comunidade no pensamento e na sociedade contemporânea, vamos centrar-nos naquilo que supõe a comunidade cristã¹⁰, mais especificamente a comunidade agostiniana recoleta.

¹⁰ Para os subtítulos seguintes, servimo-nos fundamentalmente do conteúdo da palestra de Fr. Alfredo Arce Medina, intitulada *La comunidad agustiniana: relaciones fraternas*, realizada no âmbito das Jornadas de Oração celebradas em Monachil, entre os dias 26 e 28 de dezembro de 2013. Ele, por sua vez, se fundamentava na obra J. M. Illardua, *10 palabras clave sobre la vida consagrada*, Ed. Verbo Divino, Estella 1997.



3. VOCAÇÃO À SANTIDADE DE TODA VOCAÇÃO CRISTÃ

Toda comunidade cristã tem, como fim último, a santidade de seus membros. Dentro da Igreja, existem distintos tipos de comunidade que vão das relações mais profundas às mais superficiais, mas que levam, todas elas, à santidade. Tomamos como referência os seguintes textos, que constituem a espinha dorsal de nossa reflexão. Lemos na *Lumen Gentium*, 39:

Cristo, Filho de Deus, que é com o Pai e o Espírito «o único Santo», amou a Igreja como esposa, entregou-Se por ela, para a santificar (cfr. Ef 5, 25-26) e uniu-a a Si como Seu corpo, cumulando-a com o dom do Espírito Santo, para glória de Deus. Por isso, todos na Igreja, quer pertençam à Hierarquia quer por ela sejam pastoreados, são chamados à santidade, segundo a palavra do Apóstolo: «esta é a vontade de Deus, a vossa santificação» (1Ts 4, 3; cfr. Ef 1, 4) (LG 39).

Expressa-se, nesse texto, o fundamento cristológico da santidade e a vocação universal à mesma. Na vocação de santidade,

a vida fraterna desempenha um papel fundamental no caminho espiritual das pessoas consagradas, tanto para a sua constante renovação como para o pleno cumprimento da sua missão no mundo (VC 45).

Partilhando do mesmo tema, a Congregação para os Institutos de vida consagrada e as Sociedades de vida apostólica, no documento *A vida fraterna em comunidade*, diz-nos que:

quem procura viver uma vida independente, separada da comunidade, certamente não adentrou o caminho seguro da perfeição do próprio estado (VFC 25).

Mais recentemente, no documento *Partir de Cristo*, insiste-se:

O sentido dinâmico da espiritualidade oferece a ocasião de aprofundar, neste momento da vida da Igreja, uma espiritualidade mais eclesial e comunitária, mais exigente e madura na recíproca ajuda para a consecução da santidade e mais generosa nas opções apostólicas (PdC 20).

4. A COMUNIDADE, DIMENSÃO DA VIDA CONSAGRADA

Diz João Paulo II:

Toda a fecundidade da vida religiosa depende da qualidade da vida fraterna em comum. Mais ainda, a renovação atual na Igreja e na vida religiosa caracteriza-se por uma busca de comunhão e de comunidade (Alocução à CIVCSVA, 20 de novembro de 1992).

A vida de comunidade sempre foi tida como parte essencial da vida consagrada. Com frequência, porém, essa forma de vida consistia mais na partilha de certos bens comuns, de um mesmo teto, e em acudir juntos a certos atos comuns, do que em viverem os irmãos o encontro da comunhão.

Como outras tantas dimensões da vida consagrada, a ideia de comunidade experimentou profundas mudanças nas últimas décadas. A comunhão fraterna é hoje um sinal do Reino mais fiável que outros, valorizados noutros tempos: observância, obediência submissa, eficácia, profissionalismo, compromisso social... Não se trata de negar a tudo isso o seu valor, mas de submetê-lo à prova de verdade: verificar se tais atitudes criam comunhão ou não, a começar de casa.

De todos os modos, seria um erro fazer da comunidade o único eixo de compreensão e de identificação de nossas comunidades. Um erro tanto do ponto de vista psicológico, como antropológico ou teológico. A antropologia nos diz que a pessoa, para que cresça harmonicamente, deve prestar atenção às três dimensões de sua estrutura humana: a pessoal, a comunitária e a histórica. A psicologia, por sua vez, trata de compreender o homem a partir dessas mesmas três dimensões: a pessoal, a grupal ou comunitária e a intergrupal ou histórico-social. O próprio Jesus comprometeu os seus discípulos com esses três níveis: “Jesus subiu ao monte e chamou os que ele quis. E foram até ele. Então Jesus designou Doze, para que estivessem com ele e para enviá-los a pregar, com autoridade para expulsar os demônios” (Mc 3, 13-15).

Senão, vejamos:

- a) Chamado dirigido a cada um pessoalmente.
- b) Comunidade de discípulos convocados em torno de Jesus.
- c) Envio dos discípulos a anunciar o Reino com poder para lutar contra toda forma de mal que oprime os homens.

Nossas *Constituições* reafirmam-no concretamente para nós:

O carisma agostiniano resume-se no amor a Deus sem condição, que une as almas e os corações em convivência de irmãos, e que se difunde a todos os homens para ganhá-los e uní-los em Cristo, dentro de Sua Igreja (Const. 6).

Vemos, pois, como a nossa vocação agostiniana recoleta, aprofundamento de nosso Batismo, desdobra-se nessas três dimensões, cada uma das quais constitui um tipo de encontro. Toda vocação cristã inclui esses três momentos:

- a) Saber-se chamado e responder pessoalmente.
- b) Compartilhar um projeto de vida e de destino com outros que escutaram e responderam, como eu, ao mesmo chamado.
- c) Entender a vida como missão no mundo para compartilhar o que se recebeu de Deus.

A Igreja é, na verdade, essencialmente um mistério de comunhão, ‘multidão reunida pela unidade do Pai e do Filho e do Espírito Santo’. A vida fraterna pretende refletir a profundidade e a riqueza desse mistério, configurando-se como espaço humano habitado pela Trindade, que derrama, desse modo, na história, os dons da comunhão que são próprios às três Pessoas divinas.

5. PERSPECTIVA PESSOAL DA COMUNIDADE: A COMUNIDADE FUNCIONA SE CADA PESSOA QUE A INTEGRA FUNCIONAR

O chamado de Deus dirige-se ao centro pessoal de cada um, à sua interioridade, em que a pessoa responde por si mesma e decide a própria vida. É lá que toda vocação lança suas raízes. A comunidade só nasce quando há pessoas com uma identidade pessoal clara, que então se partilha. Esse misterioso âmbito radical da pessoa nunca poderá ser substituído pela comunidade, que terá como tarefa o seu cuidado e fomento.

A opção pela vida consagrada supõe o dom de uma vocação, supõe escutar a cada dia o convite pessoal de Deus a viver Sua Aliança e a ser enviado por Ele a construir Seu Reino. Essa experiência de Aliança, renovada a cada dia, tem o poder de centrar e de totalizar a inteira existência de uma pessoa: seu coração, energias e projetos. Inicia-se um processo em direção a um projeto ambicioso e arriscado, mas possível.

É preciso que a pessoa consagrada abra diariamente seu coração ao Deus da salvação através de uma série de mediações: oração afetiva, escuta da Palavra, formação, discernimento, disciplina, entrega.

É no fundo de cada pessoa que se decidem as grandes opções e as dinâmicas de transformação. O determinante é a pessoa e o modo como sai de si mesma ao encontro dos demais e de Deus. Daí deriva um primeiro princípio que regula a vida de toda comunidade: a comunidade funciona se cada pessoa que a compõe funcionar. Se quisermos que a comunidade funcione, nada nem ninguém poderá eximir cada irmão de pôr em jogo, a cada dia, as suas opções mais pessoais.



6. PERSPECTIVA COMUNITÁRIA: A PESSOA FUNCIONA MELHOR QUANDO A COMUNIDADE FUNCIONA

Entre a pessoa e sua comunidade, entretanto, dá-se uma interação dialética decisiva. Por isso, o princípio anterior completa-se com este outro, que representa seu contraponto dialético: se a comunidade funcionar, cada membro da comunidade encontrará nela sua melhor ajuda para o seu crescimento pessoal. ‘O outro’, os outros têm o poder de interpelar e de provocar o meu centro pessoal para despertar em mim o melhor de mim mesmo. Tal interação é, também, um mistério. É a perspectiva social da pessoa e da comunidade.

A pessoa encontra, por isso, na comunidade, a grande mediação para poder viver a aventura de sua vocação decidida em sua interioridade. A comunidade é o “espaço teologal” em que Deus comunica Sua vida, dá sentido às renúncias implicadas pelos votos e educa a pessoa consagrada numa liberdade para o amor. É preciso recordar sempre que a realização dos religiosos e das religiosas passa por suas comunidades. Ora, nossas comunidades serão mediação de salvação na medida em que alcançarem um bom nível de vida fraterna, na medida em que viverem o encontro de comunhão.

A qualidade de vida fraterna em comum é dada pela capacidade de os irmãos partilharem a vida de fé num encontro de comunhão, isto é, num encontro em que se acolhem, comunicam-se, apoiam-se e cultivam a amizade para viver seus níveis vocacionais fundantes.

Nem a “comunidade da observância”, centrada no cumprimento da norma, nem a “comunidade da autorrealização”, centrada em satisfazer às necessidades individuais, nem a “comunidade-empresa”, centrada na eficácia pelo Reino, nem a “comunidade-estufa”, curvada de modo doentio sobre si mesma, nem a

“comunidade de inserção secular”, voltada às urgências dos marginalizados, poderão projetar a vida consagrada em direção ao futuro, se não alcançarem um bom nível de qualidade da vida fraterna. O futuro de nossa vida religiosa projeta-se sobre um modelo de vida fraterna que se constrói mais sobre a qualidade de vida das relações interpessoais do que sobre aspectos formais da observância regular ou sobre tarefas orientadas a satisfazer às necessidades pessoais ou institucionais.

Pede-se às pessoas consagradas serem verdadeiramente peritas em comunhão e praticarem a sua espiritualidade, como « testemunhas e artífices daquele “projeto de comunhão” que está no vértice da história do homem segundo Deus » (VC 46).

7. PERSPECTIVA HISTÓRICO-SOCIAL: A COMUNIDADE E AS PESSOAS QUE A COMPÕEM FUNCIONAM SE FUNCIONAR A SUA INTERAÇÃO COM OS GRUPOS SOCIAIS DO SEU ENTORNO

O discípulo e a comunidade entendem-se a si mesmos como enviados a comunicar a outros a salvação que eles próprios experimentaram por graça e a intervir no mundo para transformá-lo de acordo com o projeto do Reino. Daqui deriva outro princípio: a comunidade e as pessoas que a compõem funcionam se a sua interação com os grupos do seu entorno funcionar positiva e criativamente.

A comunidade não foi criada para encerrar-se em si mesma. Todo grupo que se fecha em si mesmo morre. Desde a sua origem, a comunidade foi constituída como comunidade evangelizadora, para dar a conhecer ao mundo a experiência que a ela própria salvou: “Ide e fazei discípulos meus todos os povos, batizando-os em nome do Pai e do Filho e do Espírito Santo, e ensinando-os a observar tudo o que vos ordenei” (Mt 28, 19-20). De acordo com o nosso carisma, a comunidade agostiniana recoleta foi criada para projetar-se no mundo dos homens.

O encontro de comunhão é o que somos chamados a oferecer primeiramente ao mundo, tal como nos pede João Paulo II, recolhendo uma de suas profundas convicções no Sínodo sobre a vida consagrada de 1994:

Pede-se às pessoas consagradas serem verdadeiramente peritas em comunhão (VC 46). Para apresentar à humanidade de hoje o seu verdadeiro rosto, a Igreja tem urgente necessidade de tais comunidades fraternas, cuja própria existência já constitui uma contribuição para a nova evangelização, porque mostram de modo concreto os frutos do « mandamento novo » (VC 45). Dessa maneira, a comunhão abre-se para a *missão* e converte-se ela própria em missão (VC 46).

Nossa missão como consagrados não termina na comunidade: a comunidade é enviada para expandir essa experiência salvadora de comunhão que o Espírito já realizou, parcialmente, entre os irmãos, como prova de que o Reino se iniciou. Por isso, sem a experiência prévia de ter-se empenhado na construção da comunhão entre os irmãos, toda evangelização voltada ao meio exterior estaria sob suspeita.

8. CARÁTER PRÓPRIO AGOSTINIANO RECOLETO

Na inspiração carismática agostiniana e na *Forma de viver*, percebe-se constantemente essa nota característica de comunhão (cf. Const. 15). Tal inspiração, originária para nós, é objeto de especial insistência na exortação de João Paulo II a todos os consagrados:

Exorto, por isso, os consagrados e consagradas a cultivá-la com ardor, seguindo o exemplo dos primeiros cristãos de Jerusalém, que eram assíduos na escuta do ensinamento dos Apóstolos, na oração comum, na participação da Eucaristia, na partilha dos bens materiais e espirituais (cf. *At* 2,42-47) (VC 45).

Não se trata apenas de mais um conteúdo entre outros aspectos da vida, e sim de um modo diferente de viver o mistério da presença da Trindade em nossa vida: “Honrai uns nos outros a Deus, de quem fostes feitos templos” (*reg.* 1, 8), e da participação de todos formando o Corpo místico de Cristo.

Nas *Constituições*, apresenta-se a vida fraterna como caminho pelo qual passam a busca e a contemplação: “A busca e a contemplação passam pela experiência e pela adoração de Deus nos irmãos” (*Ib.*, 14), como meio de proteção mútua em face dos perigos. “Deus, que habita em vós, também vos protegerá por meio de vós mesmos” (*Ib.*, 496), e como fonte de que brota espontaneamente a nossa missão evangelizadora: “O religioso, em virtude do amor, que é difusivo, age e trabalha para que todos amem a Deus com os irmãos, e está sempre disposto ao serviço do Reino, seguindo o Evangelho e conforme o carisma da Ordem” (*Ib.*, 23).



9. A VIDA DE COMUNIDADE COMO DINÂMICA DIALÉTICA ENTRE DIVERSOS VALORES

“Em sua peregrinação por este mundo, a Igreja, una e santa, se caracterizou constantemente por uma tensão, muitas vezes sofrida, rumo à unidade efetiva” (VFC 9). “A comunidade sem mística não tem alma, mas sem ascese não tem corpo” (VFC 23).

A comunidade há de ser entendida em sua relação dialética com as pessoas que a compõem e com a missão. Não cabe falar da comunidade sem levar em conta, ao mesmo tempo, essas outras duas polaridades. Seria um discurso abstrato sobre a vida em comunhão. A vida é, toda ela, uma tensão, quer pelo fato de termos de escolher alguma coisa deixando de lado outras (opção), quer porque temos de integrar polaridades antagônicas numa síntese de contrários (integração).

Há, porém, tensões sadias e tensões malsãs. Sadias são aquelas que ajudam a pessoa a crescer. Sem tensão, não há crescimento. O Reino não avança a não ser em tensão com determinados conflitos históricos. Sem uma margem de tensão, a vida paralisa-se e a pessoa fica estagnada. O mesmo se diga da vida de comunidade.

Ao tratar-se sobre a vida de comunidade, fácil é cair numa poetização idealizada da comunhão fraterna, deixando-se levar pela ilusão do desejo. Os inevitáveis conflitos da vida em comum encarregam-se, contudo, de despertar-nos dessas ilusões para devolver-nos à crua realidade das nossas problemáticas relações comunitárias. Recorda Bonhoeffer que

aquele que ama o seu próprio sonho de uma comunidade cristã mais do que aquela comunidade a que pertence, converte-se em destruidor da comunidade cristã, por mais honestas, sérias e abnegadas que sejam as suas intenções pessoais¹¹.

As tensões comunitárias são as que nos marcam o caminho, uma espécie de Mar Vermelho que é preciso atravessar todos os dias, para avançar em direção à terra prometida da comunhão fraterna. Sentimo-nos todos impulsionados a sair de nossa solidão para chegar àquela terra prometida do encontro com o outro. Viver converte-se assim na arte de conviver, em cujo âmbito ocorre aquela forma de vibração e de plenitude existencial, na qual afugentamos o fantasma da solidão, descobrimos e vivemos o melhor de nós mesmos e descobrimos a salvação que Deus nos oferece nos irmãos.

Precisamente porque a vida de comunidade cresce em tensão de tendências antagônicas, logo descobrimos que toda e qualquer forma de convivência é fonte de conflitos e que a vida de comunidade é permanente chamamento a abordar e a resolver positivamente os conflitos e as tensões que acarreta. Quando esse

¹¹ D. Bonhoeffer, *Vida en comunidad*, Ed. Sígueme, Salamanca 1982, 17.

antagonismo de tendências contrapostas se resolve numa síntese integradora, a pessoa e a comunidade avançam em direção ao encontro de comunhão fraterna, tornando-se esta a grande mediação possibilitadora e plenificadora da vida consagrada. Vejamos algumas dessas tensões, que bem poderíamos denominar os atuais medos surgidos ante a dialética pessoa-comunidade.

9.1. Tensão entre dom e tarefa: gera uma comunidade de filhos e de irmãos

A vida de comunidade nunca foi fácil. Pelo contrário, foi-nos dito que se trata da própria realização da utopia do Reino (cf. At 2, 42-47). O ideal da comunhão faz-se realidade quando é acolhido como dom e se converte em nossa principal tarefa. Adverte-o já Casaldàliga, fazendo-nos ver que a comunidade cresce quando é acolhida como dom e trabalhada como ideal:

Dois são os problemas,
dois:
Os demais e eu.
O difícil outro e o difícil eu.
O duro nós
da comunhão.

Não é qualquer forma de convivência que constitui vida em comunidade. Há comunidades que não passam de um agregado de pessoas solitárias, talvez muito trabalhadoras para narcotizar esse sentimento de solteirismo. Há comunidades em que os indivíduos não se sentem escutados em suas necessidades pessoais, comunidades submetidas às manipulações de pessoas autoritárias ou da instituição sacralizada.

Nascida de uma experiência fundante em que Deus Se apresenta como o único que pode cumular as aspirações de plenitude e de sentido, nossa vida consagrada se sustentará se dilatar diariamente o seu coração para acolher o dom de sermos constituídos filhos, entregando-nos à tarefa de construir uma fraternidade solidária. A comunidade precisa mirar-se em Deus para entender-se a si mesma. Isso porque o próprio Deus é comunidade e, portanto, critério de comunidade.

A vida fraterna (...) confessa *o Pai*, que quer fazer de todos os homens uma só família; confessa *o Filho encarnado*, que congrega os redimidos na unidade, apontando o caminho com o seu exemplo, a sua oração, as suas palavras e, sobretudo, com a sua morte, fonte de reconciliação para os homens divididos e dispersos; confessa *o Espírito Santo*, como princípio de unidade na Igreja, onde não cessa de suscitar famílias espirituais e comunidades fraternas (VC 21).

Termos sido criados à imagem de Deus (cf. Gn 1,17) significa que fomos feitos para a comunhão e que a nossa plenitude consiste em avançar para a vida de comunhão. Não se entra a formar parte de uma comunidade religiosa para viver não sabemos que tipo de existência mais elevada, de caráter ético-moral. A vida de comunidade procura realizar-se de acordo com próprio Ser do Deus-

Comunidade. A santidade de Deus manifesta-se-nos como amor que gera comunhão. Por isso, a nossa santidade não se confronta com umas quantas normas morais, mas com o aprender diretamente do Deus-comunhão: “Sede santos como Deus é santo” (Mt 5, 48; cf. Lc 6, 36). Nossa vida é santa se gera comunhão, mas viver em comunidade, que é dom de Deus, é ao mesmo tempo uma tarefa dos irmãos. Nossas comunidades sustentam-se de pé se avançarem em equilíbrio instável.

É certo que a fraternidade constrói-se e avança tão somente se os irmãos chegarem a contemplar-se uns aos outros como olhados/amados por Deus. Sabemos muito bem, por outro lado, que o fato de sermos filhos não anula simplesmente as barricadas que levantamos todos os dias com nossas resistências narcisistas, com nossas diferenças ideológicas e psicológicas, com nossas ambições compulsivas, com nossas diferenças de gostos, de sensibilidade, de mentalidade, de caráter, com nossas formas díspares de interpretar a realidade, de entender e utilizar o poder. Toda convivência é fonte inevitável de conflitos. Todo conflito converter-se-á numa ocasião de crescimento se os irmãos se decidirem, sob o olhar do Pai e a ação do Espírito, por construir a casa comum ao redor do Filho, o único arquiteto da fraternidade. Para tanto, é preciso pôr as mãos à obra e dispor-se a dar o melhor que cada um traz em si: fé, qualidade de comunicação, acolhida mútua, pertença, recursos que as ciências humanas colocam ao nosso alcance, tempo, energias, coração, vontade de verdade e gratuidade. Pode-se avançar assim para o encontro de comunhão.

Apesar de tudo, o encontro de comunhão, por ser dom de Deus e graça que o irmão me concede, continuará a ser uma realidade que não podemos controlar: é gratuito. A vida em fraternidade é uma arte difícil e sedutora ao mesmo tempo: é nada menos que a realização da utopia do Reino.

Não se pode compreender, portanto, a comunidade religiosa sem partir do fato de ela ser dom do Alto, de seu mistério e de seu radicar-se no coração mesmo da Trindade santa e santificante, que a quer como parte do mistério da Igreja, para a vida do mundo (VFC 8).

9.2. Tensão entre autonomia e interdependência. Seu fruto: sentido de pertença

Nada como a cruz de Cristo pode dar, de modo pleno e definitivo, essas certezas e a liberdade que delas deriva. Graças a elas, a pessoa consagrada se liberta progressivamente da necessidade de colocar-se no centro de tudo e de possuir o outro, e do medo de doar-se aos irmãos (VFC 22).

Autonomia/interdependência é uma das tensões básicas mais poderosas da vida humana. Por um lado, acha-se o desejo de “viver como me dá na telha”, de “independência”, de que me “deixem de vir com problemas”, uma vez que “mais vale estar só do que mal acompanhado”. Por outro, existe a necessidade de “ser acolhido”, de “ter uma família”, de “sentir-se acompanhado” e de não andar

“como lobo solitário”, sem ter ninguém a esperar-me nem com quem possa partilhar a mesa, as horas da noite, a intimidade ou um projeto de vida.

Por um lado, preciso afirmar-me a mim mesmo, garantir minha autonomia, poder ser eu mesmo dentro de um espaço próprio e, por outro, a necessidade de pertencer a um grupo humano em que eu seja valorizado, reconhecido e querido. Surge assim o inevitável conflito ou tensão entre o indivíduo e o grupo, entre a pessoa e a instituição, entre a subjetividade livre, a norma, a organização e a instituição: entre o eu e o tu, entre o eu e os outros.

Esse conflito resolve-se quando a pessoa, sendo fiel a si mesma, consegue identificar-se com os valores que fundam e mantêm coeso um grupo. Desse modo, a pessoa inicia um primeiro êxodo paradoxal de libertação: ao sair ao encontro desses valores, reencontra-se a si mesma num nível existencial mais rico, que lhe permite dar sentido a sua existência, a seu ser e a seu agir. A comunidade religiosa é chamada a ser o grupo de referência e de pertença em que dita tensão se resolve.

Só posso falar de experiência de fraternidade quando partilhei a minha vocação e arrisquei com meus irmãos a minha intimidade, quando sofri e me alegrei com eles, quando tento aceitá-los com suas manias, quando cresço em fidelidade a eles, quando chego a esperar com eles contra toda esperança.

Depois de ter sofrido e me alegrado em minha comunidade, eu encontro a solução para essa tensão autonomia/interdependência: descubro que, sem os irmãos que Deus me deu, o meu projeto evangélico de vida não tem sentido. Vamos assim resolvendo os paradoxos da vida comunitária e acontece o prodígio de se passar de um viver “para si” a um viver cada vez mais “para os outros”, de se harmonizar a dialética entre o pessoal e o comunitário, de se integrar a autonomia com a pertença como algo plenificante, de se assumir as diferenças com paz, como algo constitutivo de todo viver em comunidade, de se aceitar o outro como é e de dar-lhe tempo para que cresça na liberdade, de descobrir que eu posso ser motivo de alegria ou de sofrimento para os meus irmãos e que isso, em parte, depende de mim.

O amor é a resolução paradoxal dessa tensão: quanto mais eu consigo deixar-me interpelar pelos irmãos, com mais clareza posso experimentar que se realiza em mim o melhor de mim mesmo.

9.3. Tensão entre solidão e comunicação. Encontro de comunhão

A mais sentida exigência de incentivar a vida fraterna de uma comunidade traz consigo a correspondente demanda de uma mais ampla e mais intensa comunicação (VFC 29). Em vários lugares, sente-se a necessidade de uma comunicação mais intensa entre os religiosos de uma mesma comunidade. A falta e a pobreza de comunicação normalmente gera o enfraquecimento da fraternidade; o desconhecimento da vida do outro torna estranho o confrade e anônimo o relacionamento, além de criar situações de isolamento e de solidão (VFC 32). Essa comunicação abundante e solicitada nos vários níveis, no respeito à

fisionomia própria do instituto, cria normalmente relações mais estreitas, alimenta o espírito de família e a participação nos acontecimentos de todo o instituto, sensibiliza em relação aos problemas gerais, aproxima as pessoas consagradas em torno à missão comum (VFC 30).

Outra das tensões que, para tornar possível a vida de comunidade, é preciso resolver, é a dialética entre o direito à intimidade e a comunicação. Por um lado, tem-se o direito e a necessidade de cultivar a própria intimidade e os espaços de liberdade: experiências e projetos mais íntimos, a privacidade, os espaços próprios, o conhecimento das fortalezas e debilidades, a história pessoal, os afetos e as convicções mais profundas. Para que se possa viver em comunidade, isto é, para que se possam travar relações vivas com os irmãos, para que me possam compreender e aceitar em minha realidade, em minhas limitações e em meus valores, os demais precisam conhecer-me, saber de meus projetos, de meus sentimentos, de meus desejos mais íntimos.

Em qualquer caso, uma coisa é certa: sem uma comunicação fluida, sincera, capaz de transmitir certos níveis de intimidade, de sentimentos, de desejos e de convicções, uma comunidade não avança nem humana nem espiritualmente. É certo que toda comunicação e todo dar-se a conhecer ao outro supõe um risco: poder ser traído. A aceitação dos irmãos passa, porém, pelo seu mútuo conhecimento em profundidade: quando eu olho não apenas para as ações deles, mas para suas pessoas em seus condicionamentos históricos, em suas necessidades íntimas, então serei capaz de entendê-los e de aceitá-los como são. Conhecer o outro tem o poder de transformar o meu modo de olhá-lo sem julgá-lo. “Para se tornar irmãos e irmãs é necessário conhecer-se. Para se conhecer, aparece como muito importante comunicar-se de forma mais ampla e profunda” (VFC 29).

Nossas comunidades deveriam chegar a um nível de maturidade humana e religiosa suficiente para se intercambiarem níveis de autoconhecimento que possibilitassem a aceitação e a ajuda mútuas para podermos crescer juntos.

Desse modo, podemos concluir que: a) sem correr os riscos de uma comunicação de qualidade, não se pode avançar para o encontro de comunhão; b) os níveis de comunicação vão aumentando conforme aumentarem os níveis de acolhida afetiva, confiança e fiabilidade de cada irmão e da comunidade.

Não há por que comunicar todos os níveis de intimidade à comunidade. A comunicação é um exercício de autenticidade para ajudar-nos a que nos conheçamos e nos demos a conhecer assim como somos, para que possamos aceitar-nos e ser aceitos pelos outros assim como somos.

9.4. Tensão entre sintonia e diferenças. Enriquecimento mútuo

A grandeza e, ao mesmo tempo, a dificuldade da vida fraterna em comunidade consiste em que o reconhecimento e a defesa da pluralidade e das diferenças entre os membros da comunidade são tão importantes quanto a afirmação de sua

comunhão (cf. 1Cor 12, 4-11). Não é possível uma vida de comunidade adulta sem o reconhecimento das diferenças.

Todo discurso sobre a comunhão que não integre o conflito e a diferença é ideológico: oculta o poder manipulador que se exerce, seja por parte da autoridade, seja por parte de outro grupo qualquer de pressão, seja por algum outro tipo de chantagem exercida a partir da debilidade ou do poder.

Uma das tensões que temos de assumir na vida religiosa é a de aprender a conviver com o conflito, de aprender a manejá-lo e resolvê-lo positivamente para convertê-lo em ocasião de crescimento. É a tensão que se dá entre sintonia/diferença.

A comunidade funda-se no fato de que há um núcleo de valores centrais que as pessoas compartilham e que tornam possível o encontro em comunhão. A comunhão é aquele encontro que acontece entre pessoas que estão sintonizadas em níveis existenciais e afetivos de fundo. A comum-união tem lugar naquele centro pessoal que nos define e constitui de modo mais radical e que, por isso, tem o poder de relativizar as nossas diferenças em outros níveis, embora jamais as anule.

O que funda a comunidade é, pois, a sintonia nos valores fundantes, e não a simpatia que brota natural entre as pessoas. Isso não transforma simplesmente as discordâncias em simpatias naturais, mas proporciona as bases para alcançar uma sintonia que possibilite caminhar para o encontro. E isso se deve a que o verdadeiro encontro, a longo prazo, constrói-se mais a partir da sintonia nas identidades de fundo que das simpatias periféricas. Sem um olhar teológico sobre o irmão, sem vê-lo olhado/amado pelo Pai que o transfigura, todas as destrezas psicológicas acabam sendo estéreis e chocam-se com minhas resistências narcisistas instintivas.

Ora, o fato de dar-se essa sintonia de interesses vitais, Deus e Seu Reino, não elimina as diferenças psicológicas nem o conflito: gostos diferentes, percepções díspares da realidade, estratégias distintas de ação, exercício do poder. Para resolver essas diferenças, não há outra saída a não ser a negociação a partir daqueles princípios de comunhão e de sintonia nos quais se funda a comunidade e em cuja perspectiva cabe resolver positivamente os conflitos com a prática do discernimento:

- a) Análise da situação,
- b) Discernimento de valores e interesses em jogo,
- c) Compreensão com as necessidades pessoais e
- d) Fidelidade ao projeto comum.

Negociando-se assim o conflito, todos saem ganhando e a comunidade consolida-se e cresce sobre seus fundamentos. Tudo isso nos remete à necessidade de fundar a comunidade sobre bons níveis de comunicação: o diálogo é o novo nome da caridade.

Significativamente « o caminho melhor » (*I Cor 12,31*), a « maior de todas » as virtudes (*I Cor 13,13*), segundo a palavra do Apóstolo, é a caridade, que harmoniza as várias diferenças e a todos comunica a força da mútua ajuda no ímpeto apostólico (VC 47).

9.5. Tensão entre ser e fazer. Vida de amor no serviço à Igreja

Nos anos do pós-Concílio, fez fortuna uma máxima que passou a integrar o jargão da vida consagrada dos nossos dias: “Os religiosos não de dar prioridade ao ser sobre o fazer”. A expressão é muito antiga. O que, num primeiro momento, parece apontar uma grande intuição carismática, encerra, na verdade, uma espécie de sofisma sedutor. Nem antropológica, nem teologicamente parece sustentável um enunciado como esse. Não é concebível, pois, pensar o ser do homem à margem do seu fazer. O homem é um ser dinâmico que se vai construindo a si mesmo a partir do que vai fazendo. Aquilo que ele faz, o faz.

O próprio do homem consiste justamente no fato de agir sobre si mesmo modificando seu ser com o seu fazer. Seu ser não poderá ver-se reduzido a seu agir, mas, se for separado dele, será um fantasma. O problema não é dar prioridade ao ser sobre o fazer. O problema é como e o que fazer para que se chegue a ser a pessoa que se está chamado a ser.

A tensão entre ser/fazer resolve-se numa vida de amor/serviço e no crescimento como dinâmica de processos de transformação. Uns momentos serão mais contemplativos, outros mais comprometidos historicamente, mas a chave de discernimento consistirá sempre em ver se avançamos em processos de transformação pessoal em direção à prática da misericórdia como serviço. Ao gerar comunhão, a verdade do meu fazer revela-se. Meu fazer transformará, então, o meu próprio ser.

É constatação geral, especialmente para as comunidades religiosas dedicadas às obras de apostolado, que se torna muito difícil encontrar na prática cotidiana o equilíbrio entre comunidade e empenho apostólico. Se é perigoso contrapor os dois aspectos, é, porém, difícil harmonizá-los. Essa é também uma daquelas tensões fecundas da vida religiosa, que tem a tarefa de fazer crescer, ao mesmo tempo, tanto o discípulo que deve viver com Jesus e com o grupo dos que o seguem, como o apóstolo que deve participar na missão do Senhor (VFC 59).

10. Utopia da vida fraterna em comunidade

A experiência de comunhão fraterna em nossas comunidades é um árduo caminho que nos leva a participar do dom da santidade que Cristo nos oferece. É Seu amor que nos santifica. “Em virtude desse amor, nasce a comunidade como um conjunto de pessoas livres e libertadas pela cruz de Cristo” (VFC 22). Essa

santidade é, todavia, ao mesmo tempo, o amadurecimento pessoal de cada um de nós, que nos integra como membros do Corpo místico de Cristo.

Nossa experiência de comunhão constitui um sinal e uma antecipação da felicidade plena que esperamos. Essa alegre esperança é-nos mostrada, na tradição e na doutrina cristã, unida à experiência comunitária: “Vinde e vede como é bom, como é suave, os irmãos viverem juntos bem unidos!” (Sl 132/133). “Uma fraternidade rica de alegria é um verdadeiro dom do Alto aos irmãos que sabem pedi-lo e que sabem aceitar-se, empenhando-se na vida fraterna com confiança na ação do Espírito” (VFC 28). Esse dom se multiplica com o sincero compromisso cotidiano de vivê-lo em plenitude.

Nossas *Constituições* expressam essa utopia e no-la apresentam como uma realidade esperançosa:

Entre os membros da comunidade, reine uma amistosa convivência em Cristo: fomentem todos os irmãos, em diálogo aberto, a confiança mútua, socorram os doentes, consolem os desanimados, alegrem-se sinceramente com as qualidades e os triunfos dos demais como se fossem próprios, unam seus esforços na tarefa comum e cada um encontre sua plenitude na entrega aos demais (*Const.* 18).

Essa prática da vida comum, em que todos se mostram contentes com sua vocação e com a companhia dos irmãos, de modo que, da comunidade, o bom odor de Cristo flua por toda parte, representa não só a ‘nossa máxima penitência’, mas o sentido de nossa plenitude humana e de nossa santificação que nos leva a integrar-nos no Corpo místico de Cristo e a identificar-nos com Ele. Constitui ainda um sinal privilegiado e credível, “que tem um natural fascínio sobre os jovens” (VFC 24) e antecipa, como fermento e sinal credível, o Reino de Deus.

11. NOSSO ESTILO NO SERVIÇO: O TRABALHO EM EQUIPE

Insistimos reiteradamente no tema da comunidade em seus três aspectos: pessoal, comunitário e apostólico, para poder entender a vida consagrada em profundidade. Centramos também as formas novas de santidade em ser construtores de comunhão na Igreja e no mundo. Fr. Alfredo Arce explica-o por meio de um símile desportivo: o trabalho em equipe.

Distinguimos três itens:

- a) Aspecto jurídico: a ficha (pertença ao clube), o contrato, os direitos e deveres... Estariam aqui representados o chamado de Deus, a nossa resposta e consagração, os compromissos públicos que manifestam a nossa identificação e pertença à Ordem.
- b) Treinamento diário: procura-se o aprimoramento físico, técnico, tático e estratégico. Aplicando-o ao nosso estilo, representaria o exercício ascético tanto em hábitos individuais como nas atitudes que possibilitam

a relação, a integração mútua e a capacidade de entrega. Cabe recordar o exercício das virtudes teologais, cardeais e sociais.

- c) Encontro desportivo: todo o treinamento orienta-se ao êxito no encontro. O adversário é difícil, astuto, dado a procedimentos reprováveis e procura enganar; sabe bem o seu ofício. Seu nome: o combinado mundo-demônio-carne.

Na hora de afrontar o encontro, é preciso um esquema claro que una as vontades e os esforços:

- a) Fé na vitória. Deve-se sair a campo para ganhar. É fundamental uma clara mentalização e concentração no jogo. Somos melhores e Deus está conosco.
- b) Compromisso. O sistema de jogo a todos nos compromete de uma maneira determinada e concreta. Nem tudo vale e ninguém está autorizado a mover-se por conta própria.
- c) Participação-responsabilidade. Participamos todos no jogo a partir da nossa respectiva posição no campo. Não todos da mesma maneira, mas todos com o mesmo empenho.
- d) Disciplina. É necessário colocar as nossas individualidades e bens particulares a favor do bem comum. Deve prevalecer o bem comum sobre o particular.
- e) Apoios. O êxito no encontro da vida, tanto no ataque como na defesa, consiste nos bons apoios. Quando se ataca para abrir espaços e quebrar a defesa contrária e quando se defende, encurtando espaços e impedindo que o rival veja a meta. Aqui entra a qualidade nas relações humanas, criar comunhão, laços etc.
- f) Cautelas. Evitar a autossuficiência e a confiança excessivas. Evitar as distrações e as faltas de concentração. Evitar a comodidade, que consiste em fazer o que me agrada e evitar o que me desagrada.

12. CONCLUSÕES E PROPOSTAS

Se não quisermos cair num discurso ideológico sobre a vida de comunidade, devemos tratá-la tendo presentes os três momentos do projeto de vida consagrada: o pessoal, o comunitário e o histórico-social. Isso supõe que há de viver-se a vida fraterna em comunidade assumindo as tensões que se geram entre esses três momentos. A resolução dessas tensões traz como fruto o encontro de comunhão, que exige duas coisas: celebrar e acolher a comunidade como dom de Deus que nos fundamenta como comunidade de filhos e de irmãos, e empenhar-nos numa apaixonante tarefa que exige nossos melhores esforços para construir uma vida de

comum-união, credível por seus frutos da nova humanidade: uma vida comunitária de qualidade e solidária. Nisso conhecerão que somos Seus discípulos e a vida consagrada será um projeto credível (cf. Jo 13, 35).

A proposta fundamental delinea-se na própria definição de pessoa e de comunidade: ambas são realidades irrenunciáveis. A pessoa necessita da comunidade e a comunidade necessita da pessoa. Quando uma cresce, a outra cresce, e vice-versa. Então, potencializemos a pessoa, potencializemos a comunidade e ambas sairão ganhando.

Se o fizermos bem, dirão de nós o mesmo que se dizia dos primeiros cristãos: “Vede como se amam”. Aí teremos – já feita – a melhor pastoral vocacional que podemos fazer: sendo autênticos, consequentes, comprometidos, alegres, trabalhadores, contemplativos e ativos... Se o fizermos, abramos as portas de nossas comunidades, convidemos os jovens a compartilhar a mesa conosco, a rezar conosco, a ver como é bom, como é suave, os irmãos viverem juntos, tendo uma só alma e um só coração dirigidos a Deus.

Frei Antonio Carrón de la Torre
Colégio Santo Tomás de Vilanova

